

Citar: Apellidos, N. (2016) "Título", en: Santos González, D. y Giménez Rodríguez, S. (coords.) (2016). *Integraciones y Desintegraciones sociales*. Toledo: ACMS, pp. ....

## **EM BUSCA DE OPORTUNIDADES DE EDUCAÇÃO: A MIGRAÇÃO AFRICANA DE JOVENS NO BRASIL E PORTUGAL**

Edmara de Castro Pinto. *Universidade do Minho*

Maria do Carmo Alves do Bomfim. *Universidade Federal do Piauí*

Maria do Socorro Pereira da Silva. *Universidade de Coimbra*

### **1.0- Em busca de Oportunidades de Educação: a migração Africana de jovens no Brasil e Portugal**

A proposta deste trabalho é realizar uma pesquisa acerca das trajetórias de jovens africanos nas duas Universidades: Universidade Federal do Piauí, no Brasil e Universidade do Minho, em Portugal. Surge também na continuidade de estudos já realizados pela autora, sobre a realidade juvenil procurando aprofundar o conhecimento sobre a forma como estes jovens africanos, em contexto de imigração, experienciam a sua permanência no país dito de acolhimento (Brasil e Portugal), a sua relação com o grupo de pares e com a respectiva presença no ensino superior, examinando ainda, a importância que esta assume nas suas vidas presentes e na relação futura com o mercado de trabalho.

Pretende-se conhecer e compreender o lugar que a Universidade ocupa nas suas vidas e a importância da prática docente na perspectiva intercultural de forma a potencializar processos de integração desses sujeitos de forma a contribuir na concretização de suas expectativas de realização profissional. Investigações e trabalhos no seio da Sociologia da Educação têm demonstrado a visível expansão da Imigração em Portugal. De igual modo, a emigração para Portugal também têm tido uma relevante predominância. Este panorama é também justificado pela crescente presença de populações imigradas nos sistemas educativos, intensificando o debate acerca das (des)igualdades de oportunidades em educação (SEABRA, 2008). Com a intensificação destes dois fluxos migratórios, origina-se uma "nova geração" de imigrantes, sobretudo jovens portadores de uma diversidade especificamente a comportamentos e sentidos atribuídos à educação, principalmente à Universidade.

Constata-se, neste contexto, que ao imigrante africano que chega, seja no Brasil ou em Portugal, "recai um "olhar" que o diferencia dos demais e que tenta localizá-lo nas

hierarquias sociais existentes” (DEMARTINI, 2010). No que diz respeito ao contexto escolar destes jovens, esta problemática torna-se visível: na relação com a Universidade no país de acolhimento, contemplando as identidades juvenis e as dinâmicas escolares, considerando, ainda, que os mesmos já iniciaram suas trajetórias escolares no país de origem, sendo dotadas de uma filiação étnica com valores, percepções, expectativas inerentes a seus modos de vivência escolar, que agora, parecem restringir-se às diferenças encontradas no cumprimento de um novo padrão educacional e social vigente na sociedade dita de acolhimento.

Instiga-nos a levantar a hipótese de que o desafio que se segue para estes jovens africanos, é a manutenção de sua trajetória escolar, e a vivência de outra cultura, sem desvincular-se da sua tradição étnica, cultural e, principalmente, o modo como perspectivam a educação. Outra variável se refere a integração escolar e social destes jovens nos dois países. O ponto chave possível de vislumbrarmos uma superação desse problema parece centrar-se na construção de uma “educação multicultural” (CANDAU E MOREIRA 2008; STOER 1992, 1994; STOER E ARAÚJO 1993; STOER E CORTESÃO, 1999; CASA-NOVA, 2001, 2002, 2005).

A presente investigação é de natureza qualitativa justificada na perspectiva da pesquisa qualitativa de Melucci (2005), que trabalha associando dados quantitativos e qualitativos, significando com isso que, mesmo em informações estatísticas e nas falas dos sujeitos de um universo estudado, há significados que não somente o pesquisador interpreta (significa ou ressignifica), mas os próprios atores sociais de um contexto investigado dão sentido para a sua realidade. Ou seja, os sujeitos pesquisados (os jovens africanos imigrantes e os docentes do ensino superior) interagem com a investigadora dando sentido para a sua realidade e interferindo ativamente na prática de observação e escuta da investigadora.

A presente pesquisa empírica realiza-se através do método História de Vida Oral - método autobiográfico - (MEIHY e HOLANDA, 2010). O método da história oral permite apreender dados não registrados em documentos, os pequenos detalhes da trajetória de um indivíduo, além de conhecer as percepções de cada pessoa sobre determinado assunto. “Em termos sociomoriais, a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social.” (MEIHY e HOLANDA, 2010: 37 *apud* Marzochi, 2010).

Neste âmbito, e segundo os procedimentos de coleta de dados, foi desenvolvida pesquisa bibliográfica em autores com estudo e produção na área para a construção de todo o

## MESA DE TRABAJO 5: POBREZA, MIGRACIONES Y REFUGIO

enquadramento teórico da tese, foram realizadas entrevistas narrativas com 6 jovens africanos estudantes imigrantes no Brasil e serão realizadas ainda com 6 jovens africanos estudantes imigrantes em Portugal. Entrevistamos 4 docentes do ensino superior da Universidade Federal do Piauí-UFPI- Brasil, e iremos entrevistar 4 docentes do ensino superior da Universidade do Minho-UMINHO- Portugal. Para complementar, utilizamos a técnica de diário de campo ou notas de terreno para acrescentar a percepção crítica da investigadora face ao objeto empírico.

Cabe destacar que não somente do ponto de vista estritamente metodológico, destacamos novamente como vetor fundamental também, nessa investigação, a utilização do diário de campo ou notas de terreno. No entanto, a utilização e justificativa deve-se a mesma se configurar um suporte à nossa técnica principal: A Entrevista Narrativa

Optamos por utilizar a Entrevista Narrativa como a principal técnica para a obtenção dos dados desta investigação. Essa escolha se pautou pela natureza sociológica do nosso objeto de estudo. Em consonância com o nosso objetivo de captar a trajetória escolar e social dos jovens africanos imigrantes nos países de acolhimento (Brasil e Portugal), e as práticas educativas desenvolvidas por docentes do ensino superior nos dois países, a entrevista é a técnica que melhor possibilita essa captação dada a “aproximação” que a mesma permite entre investigador e investigado

### 2.0- DESENVOLVIMENTO

Luta e resistência caracterizam a história do povo africano. Não obstante, quando se fala em África, nos remetemos à condição de escravidão, vivida por seu povo, durante séculos, deteriorando de modo excessivo sua realidade social, corroborando o que Santos (2010) destaca: “a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”. (p.39). Em decorrência disso, notadamente o conhecimento do restante do mundo sobre o continente africano ainda é insatisfatório, ou seja, as pessoas tem conhecimento superficial sobre a África e utilizam elementos, muitas vezes sem nenhuma vivência, somente reproduzindo o pensamento já culturalmente naturalizado sobre a África: a potencialização de discursos e ações de opressão, ancoradas numa falsa superioridade, indo ao encontro do que Adiche nos fala: o perigo de uma história única

Dessa forma, a imensa riqueza cultural, simbólica e tecnológica da África, o acesso à sua história e cultura ainda são pouco disseminados, sobretudo o valioso papel que este

## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

continente tem para a humanidade. Apenas recentemente, tem-se considerado o papel civilizatório dos negros oriundos da África na formação de várias sociedades. Essa compreensão ainda está restrita aos altos estudos acadêmicos e poucas são as condições de acesso ao mesmo, considerando inclusive o ponto de vista do continente africano, em especial da diáspora africana;

Buscando conhecer os processos históricos que envolvem a imigração africana, encontramos Harris (2010) cujo trabalho sobre a diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo nos revela que, pela falta de documentos, não se sabe exatamente quando os primeiros africanos chegaram à Europa. No entanto, a tomada da cidade de Ceuta pelos portugueses, em 1415, inaugurou a era da penetração européia no continente africano. Desde 1441, houve deportações de africanos para Lisboa, marcando assim o prelúdio da imigração forçada de africanos, ou seja, do tráfico negreiro.

Este mesmo autor nos diz que a Coroa Portuguesa instaurou um sistema de contratos sobre o comércio de escravos e com a necessidade de justificar o crescimento do número de escravos, os papas Nicolau V e Calisto III, expediram bulas, apresentando a expansão portuguesa na África como uma cruzada de cristianização do continente africano. Com efeito,

“(...) a escravidão dos africanos pelos cristãos era vista como sendo do próprio interesse dos autóctones “pagãos”, argumento esse reforçado pelo mito bíblico segundo o qual os descendentes de Ham, um dos filhos de Noé, eram amaldiçoados e destinados à escravidão. Tal dimensão bíblica e religiosa, por ser de grande alcance, fundava e justificava muito oportunamente ideias relativas à natureza “inferior” e “selvagem” dos africanos” (p.136)

No que se refere especificamente à situação dos imigrantes africanos no Brasil Colônia esta ocorreu com muita similaridade àquela praticada pelos portugueses na África. Os Africanos foram trazidos para o Brasil como escravos desde meados do século XVI. O regime escravocrata foi institucionalizado no país, a partir da promulgação de uma série de leis, que determinavam quem era escravo e os faziam ser torturados com crueldade e punições.

As motivações para a imigração seja Africana ou não, são inúmeras. Segundo Ravenstein (1980) os migrantes podem ser classificados em quatro grupos: migrante local (aquele que desloca de uma parte da mesma cidade de nascimento), migrante de curta distância (conforme a distância de seu deslocamento), migrante por etapas (migra até a permanência)

## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

e os migrantes temporários (representam o trabalho sazonal). Portanto, à busca de oportunidade de formação no ensino superior em país de acolhimento, alguns estudiosos, denominavam-na de migração temporária. No entanto, o dinamismo das migrações foi tomando novas formas, permanecendo, então, a busca por melhores condições de vida. Neste sentido, Boakari et al (2013) salientam:

“Mesmo somando pretos e pardos, que constituem o contingente de descendentes africanos, o percentual permanece inferior ao contingente eurodescendente. Estes números mostram a enorme diferença de oportunidade entre estes dois segmentos da população nacional com consequente repercussão na vida dos grupos, quais sejam maiores e melhores condições de oportunidades para crescer economicamente para os descendentes de europeus/eias e por outro lado, maiores dificuldades para o contingente afrodescendente alcançar formação superior e, por conseguinte, melhor condição econômica” (Boakari *et al* p.229)

Remetendo-nos para o objeto de estudo em questão, a maioria africana buscam melhores oportunidades de escolarização, enfrentando dificuldades no que se refere à oportunidades dentro e fora do seu país, e também, reforçadas pelo preconceito racial. Assim, percebemos que desde os antigos escravos até os estudantes universitários atuais, a relação de grande parte é caracterizada pelo racismo da sociedade brasileira. Rememorando Vargem (2012), a história da vinda de africanos para o Brasil, vem se dando por diversos motivos, seja a procura de trabalho, a busca de proteção do Estado brasileiro, no caso dos refugiados, ou aqueles que vieram estudar nas universidades brasileiras (públicas ou privadas) seja por meio dos acordos de cooperação ou outros que vieram por conta própria. Dessa forma, é importante salientar que este movimento migratório contemporâneo iniciou-se na década de 1960, período em que muitos países africanos lutaram e adquiriram a sua independência frente aos colonizadores europeus e o Brasil estreitou as relações políticas com estes países recém libertos.

Marcon (2012) em seu trabalho: *Identity and style in Lisbon: Kuduro, youth and African immigration* sinaliza que nos contextos onde os imigrantes chegam, estes ficam geralmente sujeitos às mesmas leis, embora as relações bilaterais ou multilaterais entre alguns países criem artifícios de facilitação e estímulo específicos. Nesse sentido, no caso dos imigrantes oriundos dos (PALOP)- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, há diferenças em relação aos africanos provenientes de outros países, e no caso dos países da (CPLP)- Comunidade dos países da Língua Portuguesa há condições específicas para imigrantes do Brasil e dos PALOP. Outro aspecto recai sobre o modo como estes imigrantes são

## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

absorvidos socialmente, como passam a ser estabelecidas as relações entre os considerados portugueses e os “de fora”. Os postos de trabalho que passam a ocupar, as escolas que frequentam, os bairros onde residem, os modos de viver, de vestir, de falar e de pensar, podem ser considerados elementos caracterizadores da diferença

Entendendo com Freire (1983, p.61), que oprimido é aquele sujeito em busca da liberdade, pode-se considerar que os jovens africanos imigrantes se adequam à essa categoria: “os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’”. Sua solução, pois, não está na integração, assenta “incorporar-se a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se seres para si” (*Id., Ibid.*)

Como vivemos em sociedade, tal como afirma Foucault (1999, p.29) estamos sujeitos a viver qualquer tipo de ação dos outros: “Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder”. Esse mecanismo faz com que alguns (dominantes) exerçam poder sobre outros (dominados) mantendo um certo controle.

Santos nos ajuda a pensar sobre os processos de desigualdade e exclusão quando destaca a visão pela sociedade capitalista, quando aponta que estes dois processos envolvem uma hierarquia. Para este autor, os processos de desigualdade são atribuídos a quem está em situação de desvantagem e exclusão, fundamentados na integração social e relacionados a uma situação de inferiorização. Nesse sentido, o mesmo teórico defende que:

“na base da exclusão, está uma pertença que se afirma pela não pertença, um modo específico de dominar a dissidência. Assenta num discurso de fronteiras e de limites que justificam grandes fracturas, grandes rejeições. Sendo culturais e civilizacionais, tais fracturas têm também consequências sociais e económicas ainda que se não definam primordialmente por elas. Aqui a integração não vai além do controle de perigosidade”. (SANTOS,1999, p.3)

Podemos inferir que os jovens estudantes imigrantes estão na situação de excluídos no país de acolhimento. Casa-Nova (2010), nos traz reflexões sobre o conceito de integração, defendendo que sua definição varia em função de correntes teóricas e de significações acerca da realidade social. Contudo, na percepção dessa autora, o conceito de integração abrange a participação “efetiva de todos e de todas nas mais diversas instituições da

## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

sociedade (dimensão macro) e nas relações de cotidiano (dimensão micro), numa perspectiva de reciprocidade e horizontalidade dos processos”.

A escola está longe de oferecer “igualdade de oportunidades para todos”. Diante disso, questionamos: No âmbito escolar, qual o lugar das ditas minorias (Ciganos, indígenas, negros e mesmo os jovens pertencentes a classes de menor estatuto social), quando suas culturas não são trazidas para o cotidiano escolar? Quando só as regras, os significados e a cultura de uma certa classe é considerada como “legítima”, mesmo que de forma não consciencializada?

Trabalhamos com o pressuposto de que a Universidade ainda é, para muitos jovens, a única forma de mobilidade social ascendente, embora limitada. Um dos motivos do grande número de jovens inseridos no ensino superior, deve-se ao fato de que se os mesmos conseguirem um diploma, teoricamente aumentam suas oportunidades de vida relativamente ao mercado de trabalho.

Desse modo, a Universidade deve desempenhar a função de agente de transformação social. Para tanto, a formação dos professores deve incutir no seu cotidiano em sala de aula, trabalhos de ensino-aprendizagem envolvendo as relações inter-raciais, as histórias e culturas africanas e afrobrasileiras. Nesta direção, podemos destacar pedagogias que assumiram este papel: Pedagogia Interétnica (GOMES & SOUZA, 2009), Pedagogia do Diferente (BOAKARI, 2007), Pedagogia da Justiça Social (ESTEVÃO, 2010), dentre outros.

No tocante a essa discussão, consideramos que a Prática Docente pode colaborar neste processo, sendo um elemento potencializador de inclusão. Contudo, a realidade nos mostra práticas educativas excludentes e discriminatórias. Sabemos da complexidade da luta contra o racismo, que vem nos exigindo várias frentes de batalhas, mas não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar relevante. Segundo Munanga (2005), essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, “capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira”. (MUNANGA, 2005, p.17).

Os imigrantes africanos, assim como outros, experimentam dificuldades de acesso aos sistemas de ensino e de saúde, e ao mercado de trabalho. Sabe-se, a partir da concepção de Souza (2007), que muitas das barreiras sofridas por imigrantes são culturais e se

originam de fatores subjetivos. Do ponto de vista social, também, há necessidades de mudanças na percepção coletiva do papel protagonista muitas vezes desempenhado pela juventude no processo migratório.

### 3.0- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Longe de pretender buscar respostas a todas as questões formuladas, pretendemos viabilizar um percurso que permita o desenvolvimento de possibilidades concretas que viabilize (seja por meio do multiculturalismo, da cidadania, da justiça escolar, da cultura de paz, da dialogicidade proposta por Paulo Freire), um meio para promover o reconhecimento e representação da diversidade cultural, seja de gênero, de raça, de etnia, de classe social, de orientação sexual, que os jovens imigrantes transportam consigo.

Consideramos, na verdade, imprescindível compreender como as sociedades, brasileiras e portuguesas, em específico a educação, têm lidado na prática com a questão da ausência do multiculturalismo no âmbito escolar (ver Casa-Nova, 2005). No domínio das políticas educativas públicas ainda se percebe um atraso e, para tanto, as mudanças só existem na teoria. Evidentemente que as propostas associando multiculturalismo e educação são muitas. Nesse sentido, alguns estudiosos sugerem caminhos para que se possa efetivar a proposta do multiculturalismo e reconhecimento das identidades culturais. Como relatado anteriormente, as propostas centram-se com mais ênfase na necessidade de atualização curricular como também a ação e mudança de postura do professor (a), no seu processo de formação continuada.

Prosseguindo o mesmo debate, Stoer (1994, p.22) propõe que a educação inter/multicultural se assuma como parte integrante de um movimento de justiça e igualdade. Segundo o autor (*Id., Ibid.*):“proclama-se que um princípio ético e político de justiça social deve orientar não só as práticas pedagógicas dos professores nas escolas como também a própria seleção do saber para o currículo”. É no contexto da Universidade e na perspectiva da educação inter/multicultural que o mesmo teórico enfoca um contributo para a construção de um conceito do professor inter/multicultural.

É preciso cultivar a prática de *amorosidade* para com os alunos, de solidariedade e, principalmente, de comprometimento de sua ação docente na eficácia do ensino-aprendizagem no ensino superior. Balizados neste diapasão as universidades, instituições e organizações voltadas ao desenvolvimento de processos educativos precisam assumir o desafio de pensar práticas educativas interculturais, abertas às trocas de experiências e



## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

aprendizados diversos, voltadas à construção de diálogos entre os diferentes saberes e práticas sociais a inserção de saberes, vivências e manifestações culturais que acontecem nos diferentes contextos políticos, culturais e organizativos (Lima, 2014). Isto posto, fazemos coro com Matos & Nascimento (2008) quando revelam desejar que as reflexões construídas ofereçam subsídios para novas idéias e que possam servir de inspiração para a viabilização de novos caminhos. Nas palavras dessas teóricas: “Temos de assumir nosso papel de promotores de uma nova era, de uma nova forma de viver, que pode ser traduzida na proposta de Cultura de paz” (p. 76).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Boakari, F., 2013, *Da 'insustentável leveza do ser' afrodescendente no Brasil ou das ambivalências na sociedade brasileira*. ISBN: 9788574635842. In: Maria do Carmo Alves do Bomfim; Francis Musa Boakari; João Evangelista das Neves Araújo.. (Org.). Educação, diversidades e políticas de inclusão.. 00ed.Teresina, PI: EDUFPI - Editora UFPI, v. Vol. I, p. 221-234.

Casa-Nova, M, 2005, (I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas. In *Revista Ensaio*, Rio de Janeiro, v.13, nº47, pp. 181-216. 2005.

Demartini, Z, 2010. *Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos*. Cadernos CERU vol.21 no.2, dez. São Paulo.

Harris. J. E. 2010, *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935* / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO

Matos, K. & Nascimento. V, 2008, *Articulando saberes da educação para a paz e educação ambiental: o anúncio de uma nova era*. In MATOS, Kelma S.L. de, NASCIMENTO. Verônica. S. do, JUNIOR, Raimundo N. (orgs). *Cultura de paz do conhecimento à sabedoria*. Edições UFC. Coleção Diálogos intempestivos.

Munanga, K,2005, Apresentação. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: MEC-SECAD

Santos, B & Meneses, M.P, 2010 (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez

## MESA DE TRABALHO 5: POBREZA, MIGRAÇÕES Y REFUGIO

Seabra, T, 2008, *Desempenho escolar, desigualdades sociais e etnicidade: os descendentes de imigrantes indianos e cabo-verdianos no ensino básico em Portugal*. Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE. 2008

Stoer, S, 1992. *A Reforma Educativa e a Formação Inicial e Contínua de Professores em Portugal: Perspectivas Inter/Multiculturais*. In: A. Nóvoa & T. Popkewitz (orgs.). *Reformas Educativas e Formação de Professores*. Lisboa: Educa.

Vargem, A, 2012, *Nas Fronteiras da Exclusão*. *Conhecimento Prático Geografia*, v. 42, p. 44-48.